

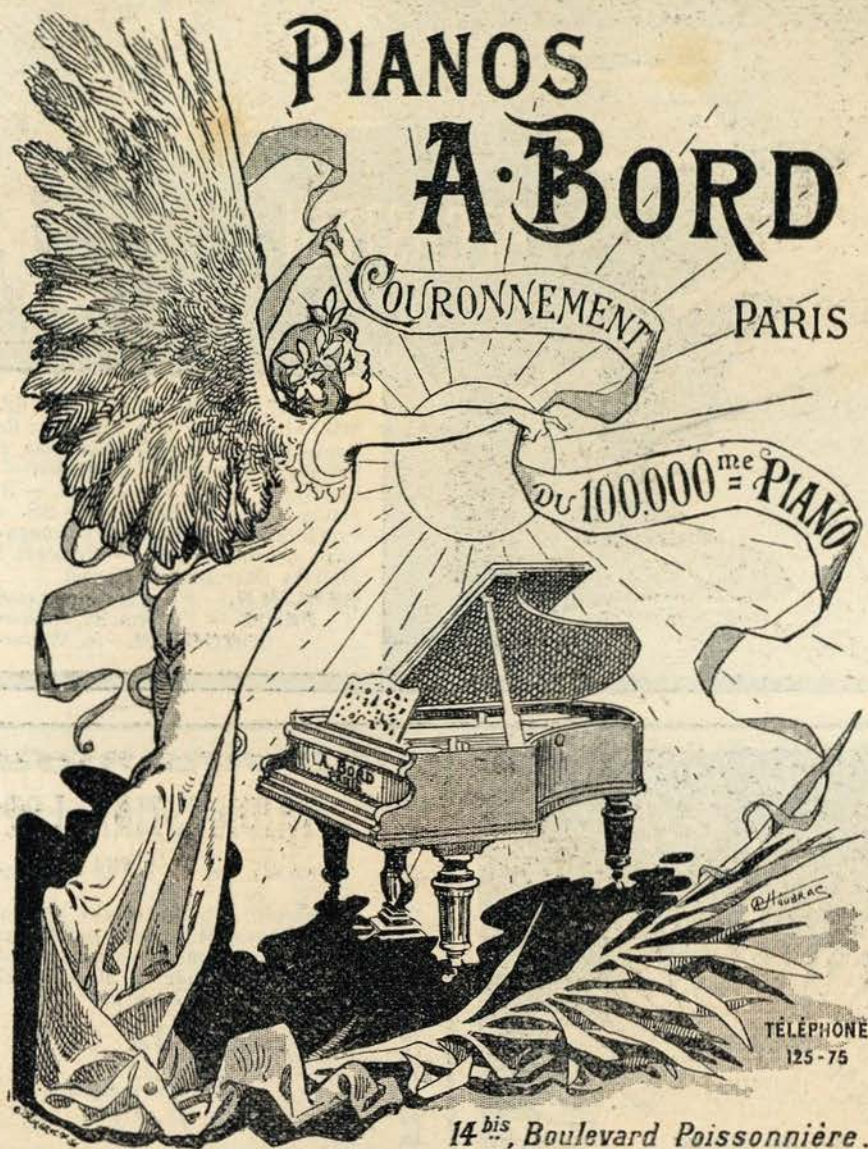


ANNO VIII
NUMERO 169

A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA



Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual	3:000 pianos
Produção até hoje	113:000 »

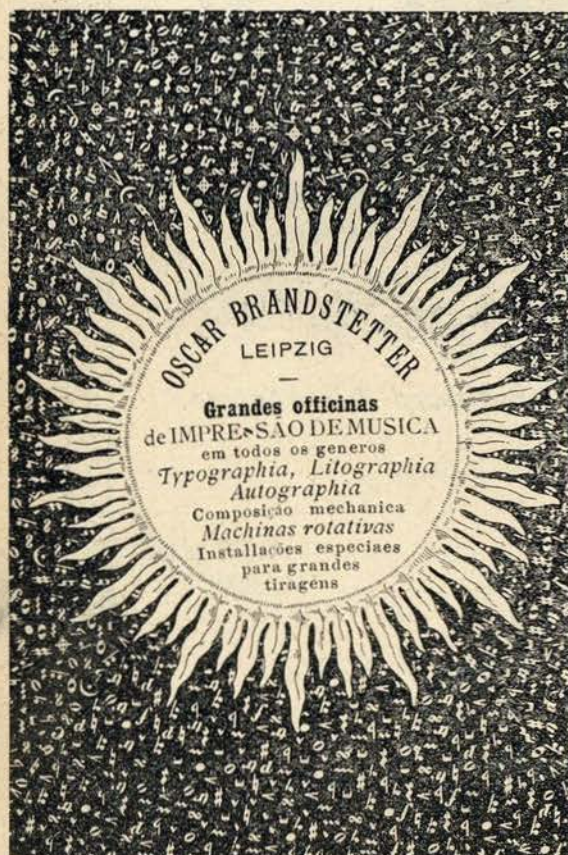
Exposição Universal de Paris (1900)
Membro do Jury—Hors concours

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA



BECHSTEIN

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico. — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE
PARIS. — 334, RUE ST. HONORÉ
LONDON W. — 10, WIGMORE STREET



OSCAR BRANDSTETTER
LEIPZIG

Grandes officinas
de IMPRESSAO DE MUSICA
em todos os generos
Typographia, Litographia
Autographia
Composicao mechanica
Machinas rotativas
Installações especiaes
para grandes tiragens

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (Pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL

de F. Lopes

108, R. DE S. PAULO, 110—LISBOA

Lambertini

REPRESENTANTE
E
Unico depositario dos celebres pianos
DE
BECHSTEIN

43—P. dos Restauradores—49

A ARTE MUSICAL
 Revista publicada quinzenalmente

Redacção e administração

Praça dos Restauradores
43 a 49

Proprietario e director
LISBOA
Editor

Michel'angelo Lambertini Typ. do Annuario Commercial — C. da Gloria, 5 José Nicolau Pombo

SUMMARY: — André Messenger — Um hymno portuguez — Real theatro de S. Carlos — Notas vagas — Concertos — Noticiario — Bibliographia — Necrologia — Caixa de Soccorro a Musicos Pobres.

André Messenger

Na galeria biographica de celebridades musicas estrangeiras, que temos publicado, cabe hoje a vez a André Messenger, compositor illustre e director de orchestra da *Opera-Comique* de Paris e do *Covent-Garden*.

E' um dos musicos francezes que junta á sua grande notoriedade e elevado talento, uma grande affabilidade de caracter e uma modestia extrema; por isso se torna credôr, no meio musical parisiense, da sympathia geral e de grande consideração por parte de todos os seus companheiros d'arte.

Nasceu André Messenger em Montluçon (Allier) em 30 de dezembro de 1853.

Fez os seus estudos musicas na Escola Nièdermeyer, trabalhando depois com Camillo Saint-Saëns.

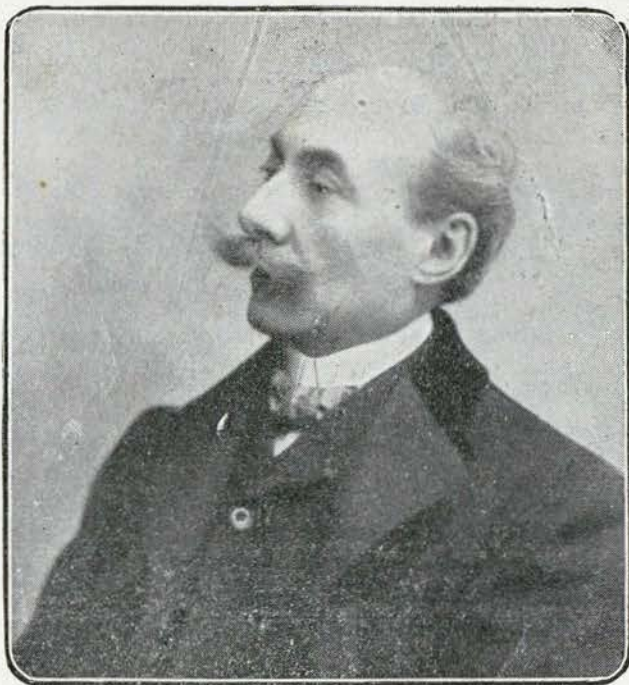
Em 1874 obteve o logar de organista do côro de S. Sulpicio e em 1876 foi-lhe conferida a medalha de ouro em um concurso aberto pela *Société des Compositeurs* para uma symphonia que no anno seguinte se executava nos concertos do Chatelet sob a proficiente direcção de Eduardo Colonne.

Conquistou tambem a medalha de ouro da *Académie de Saint-Quentin* por uma cantata «*D. Juan et Hay-dee*» (1877), e foi successivamente director d'orchestra em Bruxellas, organista em Saint-Paul-Saint-Louis e mestre de capella em Sainte-Marie-des-Batignolles.

E' consideravel a sua bagagem artistica.

Compoz e fez representar em primeiro logar uns dez bailados, entre os quaes a *Fleur d'oranger* figurou longamente no cartaz das *Folies-Bergères*.

Depois produziu successivamente: *François-les-bas-bleus* (1) que F. Bernicat deixou incompleta e que o nosso biographado acabou em 1883; *La Fauvette du Temple* (1885), tres lindos actos conhecidos em Lisboa sob o titulo de *A Touti-negra do moinho*; *La Béarnaise* tambem pela primeira vez representada em 1885; *Les deux pigeons*, bailado em dois actos apresentado na *Opera* de Paris em



ANDRÉ MESSENGER

(1) Cantou-se muito em Lisboa, sob o nome de *Omeia azul*.

1886; *Le Bourgeois de Calais* (1887); *Isoline* (1888); *Les Bleuets* (1889); *La Basoche* (Opera-comique — 1890); *Les Petites Michu* (Bouffes-parisiens em 1897) e *Véronique* (no mesmo theatro em 1898).

Quando Alberto Carré tomou posse do theatro da Opera Comica de Paris, lembrou-se para a direcção da musica da segunda scena lyrica franceza, de André Messager, o laureado musico que tinha sido seu collaborador na *Basoche* e que Paris todo conhecia e respeitava.

A escolha mereceu o applauso geral, pois ninguem melhor que Messager poderia secundar a pesada tarefa de Alberto Carré na gerencia artistica d'aquelle importante theatro.

Ha quatro annos, André Messager foi tambem convidado para dirigir o Covent-Garden, de Londres, onde realisou consideraveis progressos artisticos e tem organizado memoraveis festas.



UM HYMNO PORTUGUEZ

A carta publicada no ultimo numero da *Arte Musical* veio appressar a publicação de notas e apontamentos, guardados para mais tarde, quando podessem valer pelo seu numero e importancia. O interesse que o meu artigo provocou obriga-me porém a retomar o assumpto.

Não me parece que D. João IV escrevesse qualquer hymno da Restauração de Portugal de 1640, por varias razões, mais ou menos conhecidas. E' a primeira que nenhum dos seus biographos, e talvez nenhum dos historiadores da Restauração, fallou em semelhante hymno, o que seria logico, immediato, absolutamente espontaneo, como o producto mais vivo, o mais eloquente, o mais excitante, o mais suggestivo de um tal momento historico.

Esta razão bastaria. Outro tanto seria escrever sobre a Revolução franceza omitindo o *Çà ira* e a Marselheza, o hymno da occasião.

E não é só isto, que já não é pouco. É que a restauração fez-se em Evora, fez-se em Lisboa por fim, e aqui assentou e venceu. E não houve memoria de hymno, não consta que o povo — então bestializado — cantasse qualquer coisa. Como ficou a tradição (?) em Mafra? D'onde nasceu semelhante convicção?

A segunda razão seria que a má vontade, com que D. João IV acceitou a sua investidura no papel de revolucionario, o não levaria

por certo a compôr o hymno da sua propria revolta. E quando o tivesse feito, não lhe faltariam panegyristas nem cortesãos, que lhe publicassem e celebrassem o hymno, como o testemunho mais vibrante e a prova mais eloquente do seu patriotismo, do seu valor, etc., etc. E comtudo não ha uma palavra escripta sobre semelhante hymno, nem sequer na volumosa obra que sobre D. João IV o Snr. Joaquim de Vasconcellos publicou em 1900!

O hymno será pois da época de D. João IV, isso o dissémos já, concordando com Henry Parr, mestre nos estylos d'esse tempo. Mas não de D. João IV, porque não ha prova nenhuma d'isso e menos ainda da Restauração.

Deve pois ou pôde pois ter sido escripto por algum dos seus contemporaneos. Não ha d'isso noticia nos dois volumes já impressos do Catalogo da Bibliotheca de D. João IV pelo Snr. Vasconcellos, nem Ernesto Vieira de tal fallou no seu Diccionario dos Musicos Portuguezes; mas *pode ser* que assim fosse.

Pode tambem ser que o hymno, escripto por algum contemporaneo de D. João IV, fosse levado para Inglaterra pela princeza Catharina, noiva do depravado Carlos II. Se o foi como hymno da Restauração, cedo perdeu esse caracter, como se vê do silencio absoluto e mais que estranhavel, feito á roda do nome do autor e da letra portugueza e revolucionaria do hymno.

Se foi para Inglaterra com letra portugueza, custa a comprehender como foi que ella desapareceu n'uma capella portugueza, sem que d'isso haja noticia alguma, e como foi que, sendo hymno revolucionario se cantava no Natal.

Se para lá foi como hymno d'Egreja com palavras latinas, outro é mais provavel é o caso, porque d'essas ha noticia e copia desde 1751. Em todo o caso o nome do autor portuguez e até o proprio nome da rainha Catharina ligado ao hymno desapareceu, o que é estranhavel no caso de ter sido ella quem o introduziu na Inglaterra.

Tambem pode ter succedido que o hymno — segundo a tradição que já referi — tivesse sido composto, ou pelo menos arranjado para vozes por John Reading em 1680, ou por outro; e conservasse aquelle nome pelo facto de ser tocado na capella portugueza de Londres.

Tivemos alli capella?

Este ponto escuro já o posso esclarecer hoje com provas e documentos contemporaneos.

A princeza Catharina, filha de D. João IV, casada á força com o louco Carlos II, rei de d'Inglaterra, iniciou a sua desgraça no contracto de casamento de 23 de junho de 1661

e partiu para Londres em abril de 1662. Tendo conservado a sua fé catholica, a rainha Catharina de Portugal — como a chamavam na Inglaterra — manteve capella sua, catholica, na qual esteve como organista o celebre Mathew Lock, que se batisou apostolico romano e como tal morreu em 1677.

Esta capella esteve, segundo é provavel, e Hakwins o confirma a pag. 717 do 2.º volume da *History of Music* (1875) n'algum lugar de Whitehall, onde se celebrava a missa com um órgão e um côro.

Pela morte de Lock o seu lugar de organista passou a ser occupado por Giovanni Battista Draghi, italiano e como tal catholico, e então já affeiçãoado e escrevendo bem no estylo d'igreja dos musicos inglezes.

Pela morte de Carlos II em 1685 a capella mudou-se para o palacio de Somerset-house, onde tinha o seguinte pessoal descripto por Chamberlayne no seu *Present state of England*, London 1694, reproduzido por Hakwins a pag. 718:

Lord esmoler, Cardeal Howard, de Norfolk; esmoleres, Paulo d'Almeida e Manuel Dias; confessor, padre Christovam do Rozario; capellaes padre Huddleston e padre Miguel Ferreira; tres padres franciscanos de Portugal, chamados Arrabidos, e um irmão leigo; meninos de capella James Martin, Nicholas Kennedy, e William Hollyman; organista John (sic) Battista Draghi; e mais a Thimotheo de Faria, Mr. James Read e Antonio Fernandes.

Esta capella subsistiu ainda depois do regresso a Portugal da rainha Catharina em 1693, quando se recolheu (ou pouco depois) ao palacio da Bemposta, que mandara edificar. A capella portugueza durou em Somerset-house até 1733, quando a destruíram para arranjar espaço para os aposentos do principe d'Orange, noivo da princeza Anna D'Inglaterra.

Para onde se mudou depois, não o sei eu. Em 1797, quando o celebre Vicente Novello foi nomeado seu organista, estava ella em South Street, Grosvenor Square, annexa ou não, á embaixada portugueza. Novello largou o lugar em 1822, depois de ter publicado em 1811, a sua primeira obra como editor da celebre casa Novello: a *Collecção da Musica sagrada como se toca na Capella Real Portugueza*, em 2 vol.

No 2.º vol. d'esta collecção está o *Adeste Fideles* depois das missas de Durante, Pergolesi, Mozart etc. Está em boa companhia.

Não vimos esta obra. E' porem certo que na edição de 1843 d'este hymno, n'este volume ou em separado, Novello affirmou em nota que elle era uma *Air by Reading 1680*.

O *Adeste Fideles* foi desde então, e talvez antes (quem sabe?) tocado na capella portugueza, foi copiado em manuscripto em 1751, como já dissemos, generalisou-se na Inglaterra, na Escossia e na Europa; e anda impresso só para órgão ou para harmonium, e para piano e varios instrumentos em editores varios.

Na casa Novello & C.º de Londres está publicada para órgão por W. T. Belcher, E. C. Melville, Alfred Oake, com introdução, variações, etc, revelando a popularidade da composição. Para harmonium publicou-a Lefebure-Wely nas suas *Heures de Loisir* com o titulo *Venite Adoremus, Chant de Noel*. Para vozes e orchestra ou como musica sagrada com palavras latinas, figura em o n.º 33 das *Cantiones Sacrae* da Liturgia romana por Dom Samuel Gregory Ould, mais no 2.º vol. da *Collection of Sacred Music* de Novello, já citada; e na composição avulsa de C. R. Ward, sob o titulo *Adeste Fideles* para quartetto vocal e côros, e n'outra para os mesmos por Novello.

Já o tocou em Portugal o novo professor de órgão do Conservatorio sr. Desiré Pâque, ante os felizes frequentadores da capella dos nobres duques de Palmella.

Resta saber quem o escreveu, e onde se tem tocado em Portugal desde 1640.

CARLOS DE MELLO.



SUCCEDEM-SE os espectaculos diarios em S. Carlos. Durante as primeiras 14 recitas da presente época lirica foram cantadas 6 partituras. Ninguém poderá queixar-se de falta de variedade. Em compensação muito deixa a desejar a execução d'algumas d'essas obras. A apparatusa encenação não supre a inferior qualidade de muitos dos principaes cantores e a infeliz escôlha do pessoal para os côros de homens, sempre insubmissos, sempre distraidos e quase constantemente desafinados.

Nalguns theatros estrangeiros as primeiras partes nem sempre enthusiasmam pelo bello timbre das vozes ou pela boa escola de canto. Deslumbra-nos a encenação, o corpo de baile, os côros numerosos e afinados, a cuidada direcção das bem organizadas orquestras. Isto satisfaz a muitos dos frequentadores. Em S. Carlos a empresa tem pri-

mado em melhorar a encenação. Este anno, já aqui o dissemos, as operas do grande repertorio hão de ser bem dirigidas. O preludio do *Tannhäuser*, pela primeira vez ouvido com attenção em 2 do corrente, foi acolhido com clamorosos applausos e mereceu as honras de repetição. A unidade de rythmo e de execução, vigor de colorido e a intelligencia da batuta explicam o facto. E todas as noites se repetem os applausos. Não succede o mesmo ao preludio do 3.º acto, tambem de primorosa execução, porque a conversa dos espectadores impede que se lhe preste a devida attenção.

No *Lohengrin* surpreendeu-nos tambem agora o rigôr de afinação dos cornetins nos toques de alvorada do 2.º acto. Já houvealguem que attendesse a isso.

Mas nos côros de homens ha muito que censurar. Sempre desafinados e distraídos, não procuram por modo algum contribuir para o bom conjunto do desempenho. Negam-se pertinazmente ao cumprimento do que é nelles um dever. Com a maior sem cerimonia se apresentam com a barba por fazer nos actos mais solennes: nas salas do duque de Mantua no *Rigolletto*; no torneio poetico dos bardos no *Tannhäuser*; nos esponsaes de Elvira nos *Puritinos*, etc. Obigode por nada d'este mundo se sacrifica. Vestidos de conegos ou, como o anno passado se lembraram de fazer, disfarçados em cantôres da igreja de S.^{to} André do Valle, na *Tosca*, lá

nos apparecem elles de bigode ou barba toda. Como se em Roma ou em qualquer egreja do orbe católico, em 1800, fosse tal abuso telerado.

E' esta uma das especialidades de *mise-en-scene* do nosso teatro lirico, que de ha

muito vem pedindo os rigôres d'um director de scena mais consciencioso e menos tolerante. Isto sem falar na variedade de calçado que em certas operas se expõe e cujo estudo é realmente interessante. Para não irmos mais longe apontaremos apenas a *Aida*, na festiva recepção do vencedor dos etiofes. Desde a sandalia até ao sapato amarello de campo ou de andar por casa, vê-se ali de tudo. E' um museu. Oxalá que a empresa, já que tomou a louvavel deliberação de melhorar o guarda-



A PRIMA-DONNA PANDOLFINI

roupa de S. Carlos, preste tambem alguma attenção aos abusos que o pessoal inferior pratica e que em grande parte inutiliza os esforços que ella emprega para pôr limpamente em scena algumas das operas do velho repertorio. Para martirio dos que algum tanto se interessam por estas coisas de teatro lirico bastam os tratos de polé a que a batuta d'alguns directores d'orquestra submettem as partituras a seu cargo. Basta-nos uma exagerada lentidão de movimentos, como a que observamos na *Hebréa*, ou então uma vertiginosa rapidez na execução d'alguns numeros, donde resulta completa transformação de rythmos, como no *Rigo-*

letto succedeu á cabalêta do duetto do 3.º acto, entre Gilda e o pae.

E' uma verdade que talvez o mestre tivesse razão em precipitar os andamentos para assim fazer terminar mais depressa um martírio d'outra especie: o de ouvir cantar mal algumas obras, que pelo menos devem ter para nós um valôr historico. Parece-nos mesmo que o *Rigoletto* não teria sido pôsto em scena se não houvesse necessidade de fazer conhecer as bellas qualidades artisticas do tenôr Krismer, ao qual já na cronica passada nos referimos elogiosamente e que no duque de Mantua tem com certeza uma das suas corôas de gloria, fazendo reviver uma arte de canto que entre nós vae estando muito esquecida.

E sempre com o maior prazer aproveitamos o ensejo de elogiar artistas que d'isso se tornam dignos, tal é hoje a sua raridade. Ao tenor Krismer e á sr.ª Pandolfini deve a *Adriana Lecouvreur* o benevolo acolhimento e o agrado com que este anno foi ouvida em S. Carlos. Nem é possivel exceder o trabalho da sr.ª Pandolfini, que principalmente no segundo e terceiro actos d'aquella comedia-drama commove e fascina pelo cunho de verdade com que interpreta e traduz as situações mais tragicamente impressionantes da protagonista. Por isso a «Arte Musical» lhe rende hoje o seu preito de homenagem.

E no *Tannhäuser* debutou no dia 2 do corrente um cantôr, que por differentes razões nos chamou a nossa attenção. Referimo-nos ao baritono Renaud, um artista muito considerado, uma gloria da escola franceza. Nasceu em Bordeaux a 24 de julho de 1865 e estudou no conservatorio de Paris. Na Opera da grande capital foi substituir o baritono Lassale.

O sr. Renaud, no torneio dos bardos, apresentou-se-nos um Wolfram encantador, sentimental, ares propheticos e cabeça de louro Jesus Nazareno de estampa. Isto, a par d'um estudo meticoloso de gestos e posições, que se succedem com uma regularidade rythmica, prova-nos a habilidade, o *savoir faire*, do illustre artista como actôr. Deslumbra o elemento feminino. Mas o sr. Renaud, para nós, para os leitores da «Arte Musical» tem de ser principalmente estudado como cantôr e como um dos muitos sectarios da respiração costal.

Longe de nós a ideia de entrar agora, e nesta occasião em que o espaço nos foge, na velha e tão debatida questão da respiração nos cantôres. Já em tempo, nalguns artigos sob o titulo *Cantôres antigos e modernos*, aqui nos referimos a esse assunto. Temos tido vontade de voltar a elle, numa sé-

rie de artigos para os quaes talvez não houvesse leitores, mas falta-nos tempo e paciência para os escrever.

Como todos sabem, os tipos respiratorios reduzem-se a tres: clavicular, abdominal e costal. Como características principaes têm: o 1.º, a depressão na cavidade do estomago e a elevação das costellas da parte superior do peito; o 2.º, a elevação do abdomen e a immobildade d'aquellas costellas; no 3.º, o maximo de movimento faz-se ao nivel da parte media da caixa thoracica, com immobildade dos dois terços inferiores do ventre. E' este o tipo respiratorio aconselhado pelos antigos mestres italianos, entre elles o celebre Bernacchi, de Bolonha. Como a região do estomago — epigastro — está livre; como as costellas inferiores do peito entram em movimento e o diaphragma se contrae para as elevar, esse tipo respiratorio devia ser mais racionalmente indicado pelo nome de costo-diaphragmatico.

Para obter a immobildade dos dois terços, inferiores do abdomen usam uns a ligadura, e outros um cinto hypogastrico. Ambos são meios contentivos que produzem o mesmo resultado. O espartilho que subisse até ao epigastro produziria a immobildade d'esta região e a respiração seria então feminina, isto é, clavicular ou costo-superior.

Dito isto é sufficiente reparar para o modo como o peito do baritono Renaud se eleva quando respira e immediatamente o incluiremos no numero dos que adoptaram o tipo costal, a que se attribue maior capacidade e portanto maior armazenagem do ar, de que o artista dispõe para poder cantar longas phrases musicas sem as cortar com amudadas respirações.

Se a respiração fôr curta, se a provisão de ar fôr rapidamente gasta, não é possivel filar uma nota, dar colorido a uma phrase.

Não podemos fugir á tentação de reproduzir aqui um capitulo do livro, *Le Clant*, de Lemaire et Lavoix: «O cantor antigo procurava particularmente os seus effeitos na extensão e flexibilidade da voz, elementos estes que lhe permittiam entusiasmar o auditorio por meio d'uma bella *mezza divoce*, dos trinados, de todos os brilhantes ornatos com que adornava o canto. Ora, á arte de bem respirar é que elle em grande parte devia a doçura, a pureza e a duração do som. Para conseguir tudo isto aprendia com o maior cuidado a medir a sua respiração, a economiza-la, a ponto de poder executar phrases cuja duração excedia 20 ou 25 segundos, sem respirar de novo. Farinelli, por exemplo, cantava, com uma só respiração, passagens compostas de trezentas notas.»

Nas inspiraões do sr. Renaud ha um ruido

que muitos apontam como grave defeito do tipo clavicular. Talvez a respiração costal do illustre artista, pelo decorrer dos annos, tenha tomado um pouco o tipo clavicular e d'ahi o apparecimento da aspiração ruidosa.

A suavidade do timbre da voz, reunida á facilidade e boa qualidade das respirações, permite ao distincto cantôr dar ás phrases uma expressão e um colorido que encanta. A arte de *bel canto*, o estilo italiano, teem em Renaud um dos seus melhores interpretes.

A sr.^a Lina Siebanech, que tem cantado na *Hebrèa* e no *Tannhäuser*, dispõe de magníficos recursos para poder ser uma bella artista. O timbre da sua voz é muito agradável. A empastação das notas não é firme nem igual. Por isso a *preghiera* da Elisabeth não pôde ser cantada nem com a tranquillidade nem com o estilo religioso que lhe é proprio, o que muito é para sentir. Ha muita falta de preparo na emissão das notas.

Tinhamos tenção de nos referir a um outro artista francez, o tenôr Escalais, mas escasseia-nos o tempo e o espaço. Tambem não foi dos cantôres que mais agradou e parece-nos ter dado por terminadas as suas audições.

14 de janeiro.

ESTEVES LISBOA.



CARTAS A UMA SENHORA

LXXXI

De Lisboa

Não é talvez n'uma disposição alegre que lhe escrevo estas linhas — as primeiras que no presente anno lhe dirijo. Em mim e fora de mim accumulam-se pardacentas nuvens que prenunciam talvez desgraças; e, se o que pôde dar um preço á vida é o espectáculo da belleza eterna, como ha mais de dois mil annos opinava Platão, não se me affigura que a hora actual me deixe contemplar essa belleza, apezar de eterna.

Passam no ar arrepios de guerras e catástrophes, armam-se povos uns contra os outros, avivando, ao que parece a velha sentença do *homio hominis lupus*, e por mais que os doces e ingenuos evangelisadores da paz

e da tolerancia prosigam espalhando na terra os impressivos versiculos da sua religião sagrada, unica que não deveria ter hereticos, a terra ou antes quem n'ella habita n'ese momento escuro, responde-lhes com risos ou com pedradas; com atrocidades ou com motejos...

*

«Tous les raisonnements de l'homme ne valent pas un sentiment de la femme» responder-me-ha V. Ex.^a com o patriarcha Voltaire, e as mulheres, a minha amiga m'o assevera, em toda a parte estão trabalhando para mais solidariedade entre os corações, para maior justiça nas intelligencias; sómente — porque o não direi? — affigura-se-me que uma grande parte d'ellas possuem d'essa solidariedade e d'essa justiça uma noção um tudo nada differente d'aquella que taes idéas symbolizam e, quero crer que aliás com as melhores intenções, sob determinas aspectos andam antes trabalhando no augmento da confusão nos espiritos...

Não é acaso culpa d'ellas, coitadas, e porventura o meio que as facetou primeiro e que as orientou depois, explicará tão estranha antinomia; infelizmente a realidade é bem diversa do que seguramente desejariam e imaginam, e d'ahi essas incoherencias varias que a cada passo deflagram, e agitam o fundo mesmo das na apparencia mais progressivas collectividades.

Nós, homens, somos, sem a menor atenuante, os grandes, os confessos culpados, porque condecorando-nos com o absorbente e vaidoso titulo de dirigentes, ainda mal soubemos elevar até nós, não apenas no delicioso espasmo do amor sentido mas na quente fusão da intelligencia accordada, tantas d'aquellas d'onde teem de sair as mães de amanhã e os germens de um novo mundo; mas muitas das suas irmãs, querida amiga, em quem essa intelligencia se encontra hoje mais do que acordada, porque já se sente liberta da ganga das superstições grosseiras e da ignorancia asphixiante, valendo, quantas vezes, mais que nós, até intellectualmente falando, valem, para a effectividade do mal, o mesmo se é que n'este não nos excedem, mercê da influencia que pelos attractivos do sexo incontestavelmente exercem, e com todas as probabilidades exercerão sempre...

*

Por desgraça, não é facil sair de tão enredada trama e se em ultima analyse os homens serão os que as representantes do seu sexo, minha amiga, quizermos que elles sejam, ellas serão tambem o que nós as fizermos.

Quem achar a chave d'este enigma terá simultaneamente achado a momentanea palavra da acalmação das almas e da harmonia das vontades.



Pelo que pessoalmente nos diz respeito como nação, antes de conhecermos aquellas deliciosas torturas que são apanagio inevitavel de uma cultura superior, ainda nos será mister atravessar successivos limbos, que todos se explicam por essa ignorancia a que atraz alludo, e d'ahi o grito, agora quasi unanime, de escolas, muitas escolas; eu proprio, já ha trinta annos, n'uma quadra que na occasião fez fortuna, escrevia:

Escolas, eis o problema;
Ricos e pobres, uni-vos;
São immensos os motivos
Sobre este soberbo thema.

Mas, em consciencia, n'um ponto de vista mais generico, talvez não seja esse apenas o problema e outro e outros existam, alguns, quem sabe? saidos d'elle mesmo e que embora não o dispensando, reclamam novas formulas e novos elementos para afinal se chegar a uma solução qualquer, a qual solução, convem todavia não o esquecer, será sempre provisoria e regerá para um limitado periodo, pois n'este ininterrupto *devenir* que constitue o mundo não podemos nutrir a pretensão stulta de em qualquer cousa estabelecer o definitivo; para porém apasiguar a nossa ancia de sequiosos basta-nos saber que esse provisorio se conta sempre por seculos, o que nos deve dar, se não um ideal prazer pelo menos uma consolação efficaz, ainda que relativa.

Eis porque, apesar de tudo, conforme o costume persistirei optimista, a despeito dos laivos de pessimismo que por vezes me atravessam; e quando revento ao meu paiz se o vejo como o illustre Sighele vê a Italia: «un uomo di grande e lucido ingegno ma colpito da una parzial abulia», acredito que esta doença será passageira e que futuras emergencias determinarão a sua cura.

Já Tito Livio fazendo a psychologia da sua epoca exclamava:

Nec vitia nec remedia pati possumus.

Nós, também não podemos soffrer nem os vicios, nem os remedios, mas como aquelles acabariam por esphacelar-nos, sempre nos decidiremos a tomar estes...

Não lhe parece?

AFFONSO VARGAS

INAUGURARAM o anno musical, como de costume, os esposos Ferreira Marques, dando no seu lindo palacete da rua do Athayde um sarau artistico, revestido de todos os esplendôres.

A festa d'este anno foi particularmente interessante pela confecção aprimorada do programma, que constou dos seguintes numeros:

Andante e final do 1.º Concerto de Mendelssohn, para dois pianos, pela sr.ª D. Sarah V. Marques e sr. Desiré Pâque — *Aria da Sapho*, pela sr.ª D. Sarah V. Marques — *As pombas* de Raymundo Corrêa, *Melancolia* do conde de Monsaraz e *Brocção antigo* de Ignacio Ferreira Marques, poesias recitadas por Augusto Rosa — *Caprice* de Brahms e *Valse* de Widor, para piano pela sr.ª D. Elisa Baptista de S. Pedroso — *Romance* de Brahms e *Serenade* de Strauss, pela sr.ª D. Rachel Pâque — *Deux Romances* de Dvorak. para violino pelo sr. D. Francisco Benetó — *Printemps nouveau* de Vidal e *Le Cygne* de Grieg, para canto pela sr.ª D. Laura Sauvinet Bandeira — *Impromptu et valse* de Desiré Pâque, para piano, pelo auctor — *L'amour frileux* de Foá e *Les deux cœurs* de Fontenailles para canto pela sr.ª Sarah V. Marques



Tambem merece a reprodução inteira do programma, a encantadora sessão de instrumentos obsoletos, organizada pelo *Orpheon Portuense* em 5 d'este mez e para a qual foi expressamente contractada a *Société de Concerts d'Instruments anciens*, de Paris.

Mas passemos primeiro em revista os curiosos instrumentos que foram empregados n'este concerto; basta para isso copiar a interessante apostilla que vem no proprio programma.

«O Quintão ou viola alta (soprano) é o menor modelo da familia das violas (violetas). Tem 5 cordas afinadas uma quarta acima da viola d'amôr. A sonoridade é muito tenue e tem um particu'ar encanto de frescura.

A Viola d'amôr é a violeta (tenor) do quarteto das violas. Por baixo das cordas de tripa tem outras seis de metal, as quaes vibram sympathicamente com os sons reaes e seus harmonicos, produzidos pelas cordas postas em movimento pelo arco. É uma invenção de 1610.

A Viola de gamba ou viola baixa, tem seis cordas. Os grandes compositores Bach e Haendel escreveram para este instrumento.

O Cravo, que alguns supõem erradamente ser o antepassado do piano, é uma especie de harpa, na qual a acção dos dedos é substituída por um sistema de delgadas peças de madeira, tendo na extremidade superior um bico de penna. É portanto um instrumento de sons pinçados. Para variar os effeitos, multiplicando as maneiras de ferir as cordas, sobrepuzaram-se varios teclados a partir do seculo xvii. Assim em um segundo teclado substituíram-se os bicos de penna por tiras de couro.»

Além d'esses instrumentos figurou tambem o *Baixo de viola*, cuja descripção já foi largamente feita n'este jornal.

Quanto aos tocadores, salvó o cravista, todos faziam parte da famigerada sociedade parisiense. Eram: — Madame H. Casadesus, *née* Dellerba (*quintão*); Henri Casadesus (*viola d'amor*), Marcel Casadesus (*viola de gamba*) e F. Olivier (*baixo de viola*).

A importante parte de *cravo* estava confiada ao sr. Alfredo Casella, sobrinho do saudoso professor do mesmo appellido ha pouco fallecido no Porto e, segundo informações recebidas, foi desempenhada de uma forma notavel e muito digna de louvôr.

O programma d'este delicioso concerto, inteiramente novo para o Porto e de tão elevado alcance artistico, foi o seguinte:

<i>Bailado de Chimènes</i>	Sacchini
PARA QUINTÃO, VIOLA D'AMOR, VIOLA DE GAMBA, BAIXO E CRAVO	
a) <i>Aria</i>	Lotti
b) <i>Gavotte</i>	Gluck
PARA VIOLA DE GAMBA	
<i>Sonatina</i>	Ariosti
PARA QUINTÃO	
<i>Concerto</i>	Bach
PARA CRAVO, COM ACOMPANHA- MENTO DE QUINTÃO, VIOLA D'AMOR, VIOLA DE GAMBA E BAIXO	
<i>Segunda Symphonia</i>	Bruni
PARA TODOS OS INSTRUMENTOS DITOS	
a) <i>Sonatina</i>	Lorenziti
b) <i>Plaisir d'amour</i>	Martini
PARA VIOLA D'AMOR	
<i>Gavotte</i>	Haendel
PARA CRAVO	
<i>Bailado-divertimento</i>	Montclair
PARA QUINTÃO, VIOLA D'AMOR, VIOLA DE GAMBA, BAIXO, CRAVO E PANDEIRO	



A 6, teve lugar a apresentação de alumnas de Timotheo da Silveira, que se effectuou no Salão Sassetti e já aqui anteriormente annunciamos.

São já largamente conhecidos os meritos do eximio professor, que consideramos como um dos nossos primeiros educadores do

Piano, quer pela sua elevada proficiencia artistica e evangelica paciencia no ensino, quer pelo culto, tão sincero e desinteressado, que professa pela sua arte.

Não admira portanto que a apresentação das suas alumnas correspondesse, em tudo e por tudo, ao consciencioso merecimento do mestre e aos esforços, tão bem orientados, do seu ensino.

D'aqui o felicitamos cordealmente, envolvendo n'este singelo cumprimento, as tres gentis discipulas que tivemos a fortuna de ouvir n'essa tarde, meninas Aida da Silveira, Carmelita Gomes e Isaura Lambertini, filha do proprietario d'esta revista.



No mesmo dia 6, teve lugar no *Orpheon Portuense*, a segunda e ultima apresentação do grupo Casadesus, com instrumentos antigos.

Até á hora de entrar a nossa revista na machina, ainda não tínhamos recebido o respectivo programma.



No dia 7 foi a primeira matinée popular de vulgarisação musical, promovida pelo illustre professor Alexandre Rey Colaço, no salão do Conservatorio.

Como se sabe, são quatro os concertos que o notavel artista se propõe realizar com o mesmo louvavel intuito. Preferimos portanto reservar as nossas apreciações para quando estiver terminado este interessante cyclo de audições e estudar, com melhor conhecimento de causa e no seu conjuncto, os resultados artisticos d'um emprehendimento, que consideramos do mais avantajado alcance e cujo scopo não podemos deixar de exaltar desde já.



O benemerito *Orpheon Portuense*, que tão levantados serviços tem prestado á arte da musica no norte do paiz, solemnizou na noite de 12 do corrente com uma grandiosa festa musical o 25.º anniversario da sua fundação.

Pela antecendencia com que o nosso jornal tem de imprimir-se, não poderíamos dar conta n'este numero do resultado d'esta brilhante solemnidade, mas consta-nos que abriu com uma conferencia feita pelo illustre critico d'arte e nosso bom amigo, o sr. Dr. Antonio Arroyo, e que figurou no programma a execução de còros orpheonicos, solos de canto e de instrumentos, etc.

E' curioso notar que entre os còros agora apresentados, e que tem sido magistralmente ensaiados pelo professor Moreira de Sá figu-

ram dois côros d'homens, *Jésus ouvrier* e *La chanson des vengeurs*, que foram executados ha 25 annos na inauguração do *Orpheon*.

Uma commissão de senhoras prestou-se gentilmente a adornar o salão do Gil Vicente, onde a festa se realisou.

A commissão promotora d'esta linda festa, que se compunha dos snr. Bernardo Moreira de Sá, Ernesto Maia e Henrique Kendall, teve a captivante lembrança de convidar a *Arte Musical*, que aqui lhe deixa consignado o mais sincero reconhecimento, felicitando ao mesmo tempo o *Orpheon Portuense* pela maneira nobilissima como se tem desempenhado, durante um tão largo periodo, da sua elevada missão de propaganda artistica.



PORTUGAL

Tem excedido as nossas previsões o acolhimento que o publico amador e particularmente os artistas musicos tem dispensado á nossa iniciativa de fundar uma *Caixa de Socorro a Musicos Pobres*, solemnizando por essa forma o inicio do nosso 8.º anno de publicação.

A's cartas de felicitação que de toda a parte temos recebido, tem-se juntado varios donativos expontaneos, que traduzem, por uma forma pratica e positiva, a sympathia que a nossa ideia soube inspirar e que mais uma vez nos provam que uma instituição d'esta natureza vem preencher uma lacuna, que muito se fazia sentir.

De todo o coração agradecemos o auxilio, generosamente prestado, aos musicos indigentes.



Temos as melhores noticias de Nicolino Milano, actualmente em excursão artistica no Brazil.

Os jornaes da Bahia, a proposito do ultimo concerto ali realisado pelo talentoso *maestrino*, tecem-lhe os mais rasgados elogios e louvam a maneira distincta como executou a *Fantaisie suédoise* de Leonard, a *Romance* de Svendsen, *Dors mon enfant* de Sivori, *Rapsodie hongroise* de Hauser e outras obras do seu repertorio.



O nosso bom amigo e distincto concertista de violino, Joaquim Ferreira da Silva,

dará ainda este mez no salão do Conservatorio um concerto de apresentação, em que executará o *Concerto em sol menor* de Max Bruch e a celebre *Sonata* de Cesar Franck, tocando tambem algumas composições de Hans Sitt, que foi, como se sabe, o seu professor em Leipzig.



Em uma noticia ultimamente publicada a proposito de Alvaro Baptista, distincto artista portuense, dissemos erradamente que era um *tenor*.

O sr. Baptista possui uma bella voz de barytono e está estudando em Milão, sob a direcção do maestro De Falco, cujas lições, encontrando no nosso compatriota uma lucida intelligencia e um methodico esforço de trabalho, lhe tem sido do mais lisongeiro proveito.

Alvaro Baptista, depois de passar as férias com sua familia, no Porto, regressou a Milão, afim de continuar os seus estudos.



Prepara se um grandioso *festi al* de beneficencia para o domingo 4 de Fevereiro, realisando-se em *matinée* para que possam assistir os frequentadores do theatro lyrico.

Ainda que o programma não esteja por ora completamente organizado, já podemos afirmar que um dos *clous* da festa será a apresentação de um grande côro popular, sob a direcção do illustre artista-amadôr, sr. dr. Illydió Amado.

Haverá tambem uma orchestra d'arcos, cujos 40 executantes serão os melhores artistas e amadores de Lisboa e tocar-se-ha, entre outras obras o celebre *Septuor à la trompette*, que tanto exito obtem sempre nos concertos da *Sociedade de Musica de Camara*.

Na parte vocal, consta-nos haver as mais interessantes surpresas, dizendo-se que pela primeira vez se apresentará uma gentilissima cantôra, com dotes de verdadeira artista, que sómente por attenção ao fim caritativo da festa se resolveu a uma apresentação publica.

Publicaremos no proximo numero o programma completo do *festi al*.



Partiu para New-York, o sr. Hevaique Bernes, pianista amadôr que, ao que parece, se vae estabelecer n'aquella capital, como empregado de um estabelecimento de musica e pianos.



Noticias militares :

— Foram nomeados para fazer parte do jury d'exames para mestres de musica os srs.

major d'infantaria 16, José Ferreira da Silva (presidente) e mestres de musica de caçadores 2, Augusto Guerreiro Alves, de caçadores 5, Joaquim da Costa Braz, de infantaria 2, Domingos Antonio Caldeira, e de infantaria 16, Martinho P. Nogueira.

— Pediram para serem admitidos a exame para mestres os contra-mestres de infantaria 17, srs. Joaquim Jacintho Figueiras e José Joaquim dos Santos Paixão, de infantaria 13, sr. Joaquim Fernandes, de infantaria 22, sr. Custodio Rodrigues Gouveia, de infantaria 16, sr. Felix A. Pereira Guimarães, de infantaria 1, sr. Antonio Joaquim Antunes, de infantaria 14, sr. Alberto Joaquim da Cunha, de caçadores 2, sr. José Antonio Guedes Apolônio, e da guarda municipal, sr. Antonio José.

— Por falta de concorrentes não houve exames para musicos de 2.^a classe em infantaria 1, 2, 10 e 16, nem para musicos de 3.^a classe em infantaria 5, 11, 19 e 22.

— Foi presente á junta em Evora o musico de 2.^a classe de infantaria 17, sr. Antonio Eduardo Nobre.

— Pediu readmissão no serviço activo o contra-mestre de caçadores 1, sr. Antonio Francisco Pires.

— Tiveram passagem ao corpo de marinheiros da armada, o musico de 3.^a classe de infantaria 1, sr. Alfredo Pedro da Silva, e a infantaria 22, o musico de caçadores 4, sr. Abilio do Nascimento.

— Obtiveram aprovação nos exames para a 1.^a classe, o musico de 2.^a de infantaria 15, sr. Pedro José e para a 3.^a classe o aprendiz do mesmo regimento, sr. Carlos Flôres Correia.



Já se encontra no Porto o distincto pianista Raymundo de Macedo, antigo discipulo de Bernardo Moreira de Sá, que tem estado em Leipzig a aperfeiçoar-se com os primeiros mestres da especialidade.

Consta-nos que dará na capital do norte um concerto a 19 d'este mez, repetindo-o poucos dias depois em Lisboa.

O programma constará das seguintes peças: — *Wanderer-Fantaisie* de Schubert-Liszt, *Dois estudos*, *Ballada* e *Polonaise* de Chopin e *Rapsodia Num.º 12* de Liszt.

Esperamos anciosamente o illustre pianista portuguez, que encontrará decerto em Lisboa o acolhimento a que tem jus os seus incontestaveis meritos e a assiduidade que sempre manifestou durante a sua honrosa aprendizagem na Allemanha.

ESTRANGEIRO

No Maranhão encontra-se dando concertos, com um bello exito, um violinista bra-

zeleiro de boa reputação, o sr. Joaquim Mamede da Costa, professor de violino do Conservatorio de Belém (Brazil).



O maestro Cleofonte Campanini, que tão apreciado é em Lisboa, sentindo a sua auctoridade e prestigio amesquinados por uma affronta que soffreu a orchestra da Scala, sob a sua regencia, abandonou a direcção d'esta orchestra, sendo substituido pelo maestro Leopoldo Mugnone.



Apesar de correr entre nós que o classicismo da interpretação de Sarasate deixa um tanto a desejar, é certo que o famoso violinista teve agora nos Concertos Colonne, um esplendido successo, com o *Concerto* de Beethoven.

Decididamente, quando nos dá para ser papistas...



Partiu para a Europa o maestro brasileiro Henrique Oswald, director do *Instituto Nacional de Musica* do Rio, que é hoje considerado como o primeiro compositor brasileiro e um dos primeiros de musica de camara, em qualquer parte.

Henrique Oswald deu um concerto de despedida no Rio de Janeiro e, a proposito d'elle, não resistimos ao desejo de recortar um dos jornaes fluminenses que temos á vista, se bem que estejamos longe de concordar com algumas das affirmações ali exaradas.

Diz a referida folha:

«Foi com grande satisfação que vimos quasi cheio o salão do *Instituto Nacional de Musica*, formando-se ali selecto auditorio para um concerto de musica de camara, organizado pelo director daquelle estabelecimento com algumas composições suas.

Henrique Oswald salienta-se notavelmente no genero mais difficil de composição musical; não dizemos o mais importante, que neste caso deve ser tida a symphonia; mas esta, apresentando as mesmas difficuldades do trio ou quartetto, offerece ao compositor inexgotavel fonte de recursos para effeitos orchestraes, ao passo que nos tons ha delimitações que tornam o genero quasi inaccessible.

Taes difficuldades são vencidas por Henrique Oswald com grande espontaneidade, como se elle não tivesse que sujeitar-se a uns tantos preceitos classicamente estabelecidos e como se aquillo tudo fosse um improviso genial.

O illustre compositor brasileiro tem a inspiração elevadíssima, e para gloria sua e nossa como brasileiro basta dizer que ás vezes as suas produções têm a mesma magestade das phrases de Beethoven, com mais jovialidade, no entanto, e mais ardis nos movimentos rapidos, no *scherzo*, por exemplo, onde bem se póde apreciar a sua originalidade.

E' difficil dar-lhe uma filiação artistica e dahi talvez nasça o seu maior merecimento, deixando claramente desenhada uma phisionomia propria.

As duas composições que constituíram a primeira parte do programma já tinham sido applaudidas em outros concertos—*Trio* op. 9 e *Quartetto* op. 26.

Este ultimo é sem duvida o preferido por todos os musicos, e aqui mesmo, nestas columnas, já tivemos occasião de dar a nossa impressão sobre esse valente trabalho que por si vale a reputação de um artista.

Henrique Oswald gradua a belleza de suas composições, caminha do principio para o fim, sem descair, augmentando sempre o interesse das suas peças de musica de camara. Essa qualidade, muito apreciavel, accentua-se mais do que em nenhuma outra producção no *quartetto* op. 26. Ouve-se contemplativamente o *allegro moderato* e depois surgem os encantos, as surpresas do *andante* com variações, cada qual mais bella, mais original, mais fulgurante.

De surpresa em surpresa chega o *scherzo* que termina no meio de calorosos applausos; não termina ali, porém, o enlevo do auditorio, que ouve em seguida o canto poetico da romança que, traduzida por vozes humanas, sabe Deus o que seria. Essa meditação melodica é coroada pelo *allegro molto*, bellissimo epilogo symphonico.

Na segunda parte do programma ouviu-se pela Sr.^a D. Camilla da Conceição e Sr. Carlos de Carvalho o poemeto intitulado *Ofelia*, versos do poeta Salone di Monti, seguindo-se-lhe o *Trio* op. 28, com um primeiro tempo fraco, compensado pelo resto, que são tres primores, tendo sido bisado o *scherzo*.

As composições de Henrique Oswald são difficilimas e foram bem intrepreatadas e executadas pelo autor, ao piano, com as suas excellentes qualidades de pianista classico; Ricardo Tatti, violinista que vence brillantemente todas as difficuldades desse genero de musica; Ernesto Ronchini, um viola concertista de raro valor, e o alumno de violoncello Eurico Costa, que aceitou a perigosa incumbencia portando-se com bravura.—*Oscar Guanabarino.*

Podiamos suppôr exaggerados os elogios que Oscar Guanabarino dispensa ao maestro

brazileiro, mas um intelligente e insuspeito amador escreve-nos tambem a proposito de Oswald: — «Tem inspiração fecunda, polyphonia clara no typo classico, um mixto de Schubert e Schumann na textura, cheia de calor e vida. E' sempre original...»



TEMOS sobre a mesa de trabalho um novo volume de literatura musical, que sinceramente recommendamos aos estudiosos.

Tem por titulo *L'Ecole contrapuntique flamande au XV^e et au XVI^e siècle* e vem assignado por F. de Mênil, o conhecido critico e historiographo francez.

Apesar de termos mais de uma vez compulsado os estudos sobre os primordios da arte flamenga, tão largamente tratados por Van Der Straeten, por Kieseewetter, por Fetis, por Michel Brenet e com menos desenvolvimento por alguns outros, nunca tivemos entre mãos uma obra de tanto folego e documentando tão copiosamente a polyphonia primitiva, como o trabalho a que nos estamos referindo.

O thema principal do livro é a reivindicação, para os mestres flamengos dos seculos xv e xvi, da fundação de uma harmonia, a principio barbara e hesitante, mas que veio originar, na evolução dos seculos, a dupla polyphonia vocal e instrumental de Bach e Haendel e, n'uma palavra, a arte moderna.

Para o desenvolvimento d'este arrojado programma, dividiu F. de Mênil o seu trabalho em tres periodos ou escolas contraponticas.

Abrange a primeira parte do livro os artistas que na antiga Flandres se singularisaram, durante a primeira metade do seculo xv, na criação das 3 formas iniciais da musica contrapontica — moteto, missa e canção.

No segundo periodo, que se prolunga até ao primeiro quartel do seculo xvi, trata-se principalmente de Okeghem, Obrecht e Josquin de Près, os tres luminares que tiveram o dom de desbravar, na infantilidade d'um estadío semi-barbaro, o terreno onde havia de, mais tarde, germinar a frondosa arvore da Renascença.

Trata a ultima parte do livro da evolução da arte flamenga para as escolas romana, madrigalesca e monodica da Italia, que foram como que a sua natural consequencia.

Cada uma das partes d'este magnifico tra-

balho historico musical termina com uma taboa chronologica, do maior interesse para a consulta.

Ao erudito auctor e á direcção do nosso estimavel collega *Le Mercure Musical*, que se occupou da expansão da obra, agradecemos o exemplar que amavelmente nos offereceram.



Ao nosso querido amigo, o sr. João Evangelista da Cunha e Silva e a seus filhos, damos as mais sentidas condolencias pela perda de seu irmão e tio, o sr. Manuel Machado da Cunha e Silva, bemquisto guarda-livros do Banco Lusitano e de outras importantes casas commerciaes.

Na Regoa falleceu o rev.^o Carmine de Sousa Pennas, proficiente cultôr da musica, que dirigira em tempos varias orchestras e bandas, em diversos pontos da provincia.

Era natural de Lamego e contava 77 annos d'idade.

Outro apaixonado amador de musica, o sr. Agostinho Antonio Leite, de Estarreja, tambem falleceu n'esta villa.

Tinha sido o organisador de uma banda, que durante muitos annos regêra com grande distincção e saber.

Falleceu com 75 annos.

No hospital militar de D. Pedro V (Porto) foi victimado pela tuberculose o musico de 2.^a classe reformado, sr. Moysés das Dôres.

No cemiterio d'Agramonte prestou-lhe a derradeira homenagem uma força d'infantaria 18.

Tambem falleceu o musico reformado de 1.^a classe, sr. José Gomes Ferreira Prego, domiciliado em Lisboa.

O cadaver foi transportado para o cemiterio da Ajuda, sendo-lhe prestadas as honras militares por uma força d'infantaria 2.

Em 22 de dezembro passado falleceu na Horta (Fayal) a snr.^a D. Maria Leopoldina Borges da Silva, virtuosa mãe do distincto amador de musica, sr. Visconde de Borges da Silva, dignissimo governador civil substituto do districto da Horta.

A finada era ainda aparentada com o

sr. Alfredo Borges da Silva, illustre amador de cornetim.

Caixa de Soccorro a Musicos Pobres

POR INICIATIVA DA

ARTE MUSICAL

- I—Acceitam-se quaesquer donativos ainda os mais insignificantes, por uma só vez.
- II—A importancia total dos donativos é applicada á compra de titulos do governo, cujo rendimento será distribuido pelos artistas mais necessitados, que requeiram subsidio á administração da revista.
- III—Será publicada em todos os numeros da *Arte Musical* a lista dos subscriptores e quantia com que subscreverem.
- IV—Na séde da administração da revista e mais tarde, nos estabelecimentos de musica, theatros, salas de concerto, etc. que o consintam, serão expostos mealhinhos especiaes para o mesmo fim.
- V—Nas columnas da *Arte Musical* virá publicado annualmente um balanço promenorizado do movimento da Caixa.

Transporte...	15\$000
Luciana Lambertini.....	2\$500
Isaura Lambertini.....	1\$000
Luciana Maria Duarte Gomes....	2\$500
Adelina Augusta do Nascimento .	2\$500
Maria Dantas da Silva Duarte....	2\$500
Antonio Lamas.....	2\$500
P. ^o Thomaz Borba.....	2\$500
Frederico Pinto Soares.....	2\$500
H. Vaultier.....	2\$500
José Candido Freire.....	2\$500
Jorge Weelhouse..	2\$500
Hortensia de Mesquita Zenha...	2\$500
Cecil Mackee....	2\$500
H. Sauvinet.....	1\$000
Ernestina de Barros Freixo.....	1\$000
J. E. L.	1\$000
Anonymo.....	1\$000
Augusto Machado.....	1\$000
Anna Rosa.....	1\$000
Antonio d'Almeida.....	2\$500
Francisco José da Costa.....	1\$000
G. Coffino... ..	2\$500
Miecio Horszowski....	2\$000
Julio Ribeiro da Silva.....	2\$500
Alfredo Keil.....	2\$000
Timotheo da Silveira	2\$000
Domingos Pinto Coelho.....	1\$000
Laura Ribeiro da Silva.....	2\$500
Eduardo Ribeiro da Silva.....	2\$500
Camillo A. dos Santos.....	5\$000
Manuel Carlos de Freitas Alzina...	1\$500
Anna de F. Peito de Carvalho	1\$500
Segue....	80\$50

A. HARTRODT

SEDE: HAMBURGO — Dovenfleth, 4º

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

Hamburgo — Porto — Lisboa
Antuerpia — Porto — Lisboa
Londres — Porto — Lisboa
Liverpool — Porto — Lisboa

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — Hamburgo

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS — STUTTGART

A casa CARL HARDT, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de CARL HARDT, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa CARL HARDT, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na CASA LAMBERTINI, representante de CARL HARDT, em Portugal.

BERLIM—CAROL OTTO—BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa Sonoridade — Afinação Segura — Construcção solida

BERLIM—CAROL OTTO—BERLIM

AUGUSTO D'AQUINO

Agencia Internacional de Expedições

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers	» » O. W. Molkau
» » » Liverpool	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Londres	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Havre	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

Rua dos Correeiros, 92, 1.º

SOCIEDADE DE CONCERTOS E ESCOLA DE MUSICA

FUNDADA EM 1 DE JULHO DE 1902

Séde: — RUA DO ALECRIM, 17

(Junto ao Caes do Sodré)

CURSOS NOCTURNOS

A matricula geral está aberta todo o anno lectivo

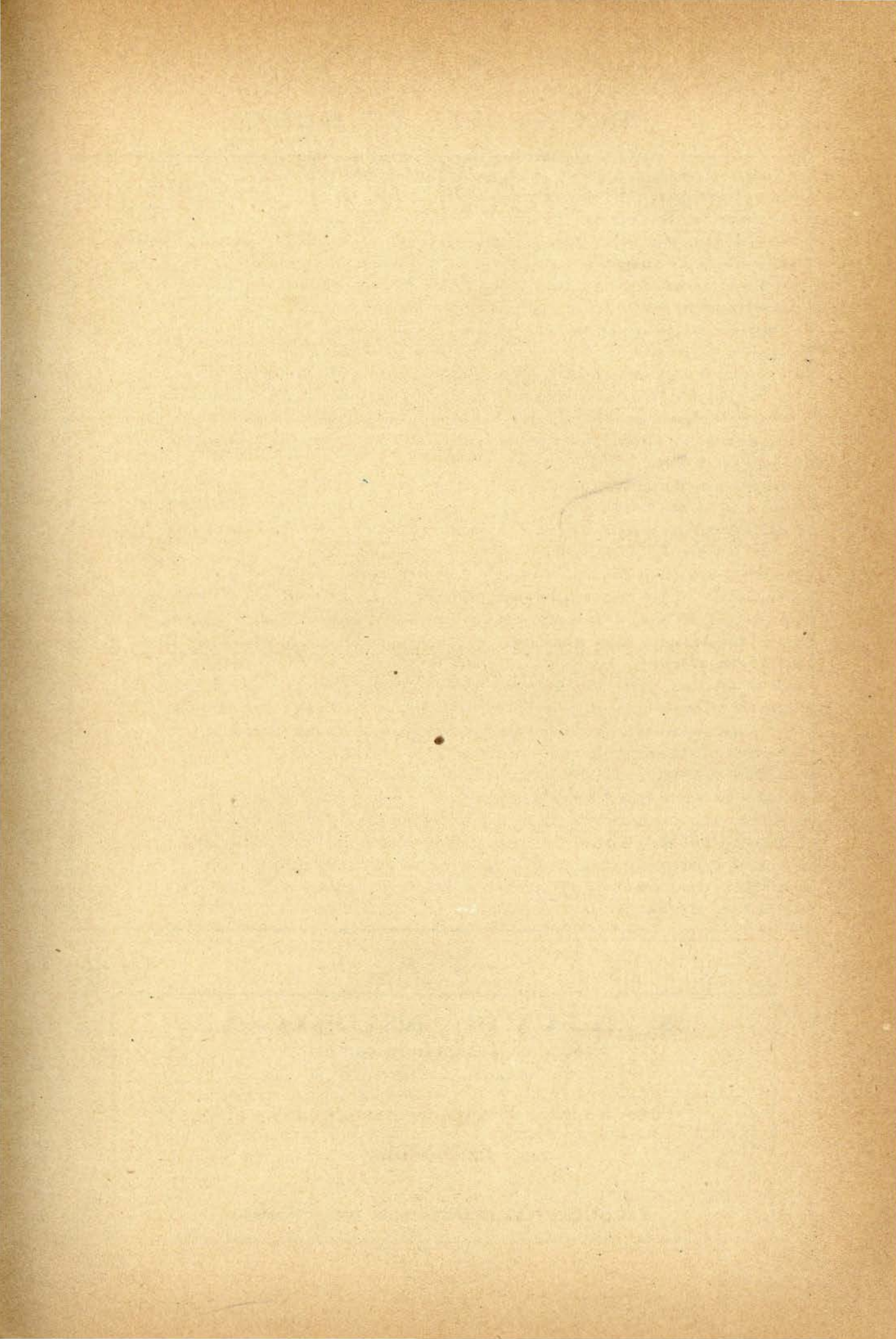
Cursos, completo do **Conservatorio Real de Lisboa**
para exame e da Escola para fazer ou não exame á vontade dos alumnos.

PROFESSORES

D. Rachel de Souza, Frederico Guimarães,

Marcos Garin, Carlos Gonçalves, Francisco Benetó, Augusto de Moraes Palmeiro, Wenceslau Pinto e Pedro José Ferreir

CONCERTOS E AUDIÇÕES DE ALUMNOS



PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12.</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrés Goni , professor de violino, <i>Praça do Principe Real, 31, 2.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO</i>
Candida Cilia de Lemos , professora de piano e órgão, <i>L. de S.ª Barbara, 51, 5.º D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>R. da Penha de França, 23, 4.º</i>
Carlota Tatti Machado , professora de canto, <i>R. S. Bernardo, 16, 2.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>Rua dos Poyaes S. Bento, 71, 2.º</i>
Desiré Pâque , professor de piano, harm. e composição, <i>Rua da Estrella, 59, 1.º</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 17 r/c.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27; 1.º, E.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
Joaquim F. Ferreira da Silva , prof. de violino, <i>R. Rod. es Sampaio, 88, 2.º, E</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
Julietta Hirsch , professora de canto, <i>R. Maria, 8, 2.º D. (Bairro Andrade)</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>R. Julio Cesar Machado, 5, r/c.</i>
M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 51, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Avenida de D. Amelia M. L. r/c.</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º D.</i>
Rachel Pâque , prof. de canto e dicção, <i>Rua da Estrella, 59, 1.º</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º E.</i>
Victoria Mirés , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º, D.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte)	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49—LISBOA